

ELTON BRUNO PINHEIRO
(Organizador)

Pesquisa e Produção em LINGUAGEM SONORA: Experiências Compartilhadas

||| Autores e Autoras |||

Agnes Magalhães | Ariane Lamarão | Arthur Pontes Costa | Ayana Saito | Bruno Calvis |
Bruno Rocha Nascimento | Caio Caldas | Cecília Bastos Cunha Nunes | Clara Maria Ortolani
Smith | Daniel Madeira | Elnatan Bernardo | Fernanda Araujo da Silva | Filipe Alves |
Filliphi da Costa | Gabriel Pimentel | Giovana Azevedo | Giullia Vênus Santos | Hallana Moreira
| Heloísa Schons | Isadora Alves Dueti | Isis Aisha | Jéssica Barros | Jéssica Moura |
João Gabriel Soccio Bezerra | João Pedro Cavalcante | Josianne Diniz | Juliana do Vale
| Jusef Felipe Oliveira | Keilla Salvador | Laura Poffo | Laura Quariguazy da Frota | Luã Santilli
| Lucas Guaraldo Itaborahy | Lucas Rafael Justino | Luiz Curado | Luiza Rodrigues Santana |
Luylla Vieira | Mylena Cardoso | Paloma Ferreira Martins | Rafael Stadniki | Rafaela Schimitt |
Roberval de Jesus Leone dos Santos | Ryanny Costa | Thyanne Beatriz | Vinicius Vinhal

Pesquisa e Produção em Linguagem Sonora: Experiências Compartilhadas

Organizador

| Elton Bruno Pinheiro |

Autores e Autoras

Agnes Magalhães | Ariane Lamarão | Arthur Pontes Costa | Ayana Saito | Bruno Calvis | Bruno Rocha Nascimento | Caio Caldas | Cecília Bastos Cunha Nunes | Clara Maria Ortolani Smith | Daniel Madeira | Elnatan Bernardo | Fernanda Araujo da Silva | Filipe Alves | Filliphi da Costa | Gabriel Pimentel | Giovana Azevedo | Giullia Vênus Santos | Hallana Moreira | Heloísa Schons | Isadora Alves Dueti | Isis Aisha | Jéssica Barros | Jéssica Moura | João Gabriel Soccio Bezerra | João Pedro Cavalcante | Josianne Diniz | Juliana do Vale | Jusef Felipe Oliveira | Keilla Salvador | Laura Poffo | Laura Quariguazy da Frota | Luã Santilli | Lucas Guaraldo Itaborahy | Lucas Rafael Justino | Luiz Curado | Luiza Rodrigues Santana | Luylla Vieira | Mylena Cardoso | Paloma Ferreira Martins | Rafael Stadniki | Rafaela Schmitt | Roberval de Jesus Leone dos Santos | Ryanny Costa | Thayanne Beatriz | Vinicius Vinhal



...

A correção gramatical, ortográfica, as ideias e opiniões expressas nos diferentes relatos acadêmicos que integram este livro eletrônico são de exclusiva responsabilidade dos(a) autores(as) e coautores(as) que assinam os capítulos que compõem a presente obra coletiva.

...

Copyright © 2018 by FAC-UnB

Capa Edição de Arte – LabAudio/FAC
Diagramação Elton Bruno Pinheiro
Revisão Ariane Lamarão
Apoio Núcleo de Estudos e Produção Digital em
Linguagem Sonora | FAC/UnB



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA – FAC-UNB**

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte,
s/n - Asa Norte, Brasília - DF, CEP: 70910-900,
Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac.livros@gmail.com

DIRETOR

Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA

Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Gerales, Fernando Oliveira Paulino,
Gustavo de Castro e Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina,
Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg
(Unesp), Edgard Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF),
Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti (UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún
(Uruguai), Gustavo Cimadevilla (Argentina), Herman
Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e
Madalena Oliveira (Portugal).

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Rafiza Varão

Catálogo na Publicação (CIP)

P474 Pesquisa e produção em linguagem sonora : experiências
compartilhadas / Elton Bruno Pinheiro, organizador. –
Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de
Comunicação, 2018.
225 p. ; 29 cm.

ISBN 978-85-93078-30-9.

1. Linguagem sonora. 2 Produção em áudio. 3. Rádio. 4.
Gêneros e formatos radiofônicos. 5. Laboratório de áudio. I.
Pinheiro, Elton Bruno (org.).

CDU 654.195

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

(((Prefácio)))

Todo(a) estudante de Comunicação espera ansiosamente o início das atividades laboratoriais durante a graduação. Afinal de contas, é neste momento, que se trabalha tanto os conhecimentos adquiridos nas disciplinas anteriores (fundamentos históricos, conceituais, éticos, teóricos etc.) quanto os do próprio exercício laboratorial, que busca relacionar efetivamente o par dialético teoria/prática, algo que parece tão caro aos cursos da área.

Esse foi o desafio empreendido aos(às) alunos(as) pelo professor Elton Bruno Pinheiro, do Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora da Faculdade de Comunicação (FAC), da Universidade de Brasília (UnB). Nos dois semestres de 2017, o docente ministrou as disciplinas: Introdução à Linguagem Sonora; Roteiro, Produção e Realização em Áudio; e Jornalismo em Rádio 1.

O resultado desta pertinente e original proposta pedagógica pode ser visto nas páginas que se seguem: um registro de alguns dos produtos (comunicacionais) sonoros que elaboraram, aliados ao pensamento crítico e teórico sobre suas atividades profissionais. Um processo que, como afirma o educador brasileiro Paulo Freire (1996, p. 24), em sua importante obra *Pedagogia da Autonomia*, “[...] pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”.

Convenhamos que esse tipo de atividade não é comum nos cursos de Comunicação. Muitos(as) vão experimentar a escrita acadêmica (com o auxílio de método e reflexão teórica sobre o objeto de pesquisa) apenas no final da jornada de 4 anos, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Por isso, quanto antes os(as) alunos(as) exercitarem, melhor. Qualquer estímulo nesse sentido é sempre bem-vindo.

Diante disso, a proposta que nasce aqui tem outro (grande) desafio: fazer com que o produto (no formato de e-book) desse trabalho pedagógico tenha continuidade e estimule outras universidades a experimentar esse modelo. Ganha o ensino de Comunicação, ganha a FAC/UnB, ganha o professor responsável pelo projeto, ganham os futuros profissionais da área...

Cristiano Anuniação
Professor de Comunicação
do Centro Universitário Estácio de Brasília

(((Sonoridades Compartilhadas – Apresentação)))

Os textos aqui reunidos constituem uma síntese dos conhecimentos compartilhados e aprendizados reverberados pelos(as) estudantes de Audiovisual, Publicidade e Jornalismo no âmbito do Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação em três disciplinas – Introdução à Linguagem Sonora; Roteiro, Produção e Realização em Áudio; e Jornalismo em Rádio 1 – ministradas ao longo do ano letivo 2017.

Configura-se como um primeiro registro de um processo mais longo, que visa ampliar a compreensão de cada estudante quanto às possibilidades e à importância da pesquisa e da produção na área da linguagem sonora, levando em consideração toda sua peculiaridade – elementos, subcódigos, condicionantes.

Cada memória a respeito dos diversos processos de produção aqui compartilhados revela duas realidades: o quanto os(as) estudantes, no ambiente laboratorial, se surpreendem com a dinâmica e a complexidade da linguagem sonora e o quanto ainda temos a experimentar tendo-a como aporte teórico e metodológico.

Ao longo dos semestres, em cada aula, reiteramos que pensar a linguagem sonora não é limita-la à mensagem radiofônica, tanto que cada texto aqui inserido demonstra, em alguma medida, as referências que os(as) estudantes já detinham sobre essa linguagem nos mais diversos meios, como no cinema e no audiovisual, na publicidade, na televisão, na *web* etc.

Todavia, partir dos pressupostos radiofônicos é sempre uma estratégia frutífera. Assim, o que relata cada estudante ao longo dessa obra é como se deu seu contato com a linguagem sonora a partir da produção de mensagens radiofônicas de diversos gêneros (entretenimento, institucional, educativo, cultural, jornalístico, humor, ficcional) e formatos (audiobiografias, programas temáticos, especiais, séries e reportagens). A leitura atenta e contextualizada com a realidade da produção experimental e laboratorial revelará como cada estudante percebeu as vantagens e os instigantes desafios de se trabalhar com a construção de imagens sonoras que primem tanto pelo diálogo entre seus mais diversos elementos e subcódigos – o silêncio, a palavra, a voz, a música, os efeitos, os ruídos etc. (BALSEBRE, 1994) – quanto pela inteligibilidade, correção, relevância e atratividade (ALVES, 1994) das mensagens.

É importante ressaltar que cada atividade proposta e realizada pelos(as) estudantes no LabAudio em cada uma das disciplinas aqui já assinaladas buscaram, muito além da experimentação e da produção de materiais sonoros de diversos gêneros e formatos, o aperfeiçoamento destes em quatro dimensões do saber, indicadas no *Relatório da UNESCO para a educação no século XXI*: o saber conhecer, o saber fazer, o saber ser e o saber conviver.

Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.

Aprender a fazer, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer.

Aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências — realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos — no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. (DELORS, 1997, p.101-102)

Tais dimensões nortearam as práticas didáticas desenvolvidas em nosso ambiente laboratorial e em muito contribuíram para que fôssemos além daquelas previstas nos planos de aula e “arriscássemos”, em grande equipe, na busca de algo sintonizado com a *Modernidade Líquida* (BAUMAN, 2001) em cada produção. Nesse contexto, desenvolvemos ao longo do ano de 2017, em parceria com Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora (NEPLIS/FAC/UnB), o *site* institucional do Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação <www.labaudio.unb.br>, que além de permitir o armazenamento de todo o material produzido pelos nossos(as) estudantes, servirá como ambiente permanente, fluído e rico para experimentação, motivando, inclusive, o aperfeiçoamento de estratégias de propagação de conteúdos em áudio no ambiente da convergência digital e da conexão em rede.

Vibrações Sonoras! Boa leitura-escuta!

Elton Bruno Pinheiro | Organizador
Professor da Faculdade de Comunicação
Universidade de Brasília – UnB

(((Sumário)))

PARTE 1 – ROTEIRO, PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO EM ÁUDIO08

A importância da audiobiografia na revelação de tesouros 10

Roberval de Jesus Leone dos Santos

Vidas Sonoras: reflexões sobre a audiobiografia de Taya Queiroz..... 26

Jéssica Barros

Juliana do Vale

Professora Dione Oliveira Moura: uma audiobiografia 41

Josef Felipe Oliveira

Luiza Rodrigues Santana

Ivanni Gonçalves: audiobiografia da maior pescadora da Serra da Mesa 58

Ariane Lamarão

Gabriel Pimentel

Zé do Pife: uma audiobiografia sobre intervenção sonora 70

Jéssica Moura

Laura Poffo

O Cara do Wrap: estética ficcional em uma narrativa documental sonora 83

Filipe Alves

Rafael Stadniki

Sandra: uma audiobiografia..... 95

Lucas Rafael Justino

Luylla Vieira

Chiquinho, por ele mesmo: uma audiobiografia 109

Bruno Rocha Nascimento

Elnatan Bernardo

PARTE 2 – INTRODUÇÃO À LINGUAGEM SONORA117

O silêncio: a multiplicidade de sentidos do “espaço vazio” 119

Ayana Saito


Bruno Calvis

Caio Caldas

Isis Aisha

A palavra como elemento semântico e estético da linguagem sonora	131
Arthur Pontes Costa João Gabriel Soccio Bezerra Lucas Guaraldo Itaborahy Paloma Ferreira Martins	
O som reflexões aplicadas à produção laboratorial experimental:	142
Josianne Diniz Keilla Salvador Thyanne Beatriz	
Reflexões sobre a produção experimental “Acesso FAC – Efeitos Sonoros”	154
Cecília Bastos Cunha Nunes Fernanda Araujo da Silva Mylena Cardoso João Pedro Cavalcante	
A voz: reflexões e plásticas do elemento sonoro	166
Laura Quariguazy da Frota Luã Santilli Daniel Madeira	
A voz como mensagem	175
Luiz Curado Rafaela Schimitt Ryanny Costa Vinicius Vinhal	
Relevância da música para a formação de identidades	187
Agnes Magalhães Clara Maria Ortolani Smith Giovana Azevedo Heloísa Schons	
PARTE 3 – JORNALISMO EM RÁDIO	196
Os desafios da produção e de uma reportagem radiofônica especial	198
Filliphi da Costa	
A produção da reportagem especial no rádio	208
Hallana Moreira Isadora Alves Dueti	
Seu Estrelo e Fuá do Terreiro: uma reportagem radiofônica especial	218
Giullia Vênus Oliveira Santos	

||| PARTE 1 |||
**ROTEIRO, PRODUÇÃO
E REALIZAÇÃO EM ÁUDIO**
Audiobiografias

The background features a white page with abstract blue geometric shapes. Three circles of varying sizes are arranged vertically, each composed of concentric circles in different shades of blue. Two thin blue lines intersect at the top left, forming a large 'V' shape that frames the circles. A large blue circle is partially visible at the bottom right corner.

A importância da audiobiografia na revelação de tesouros

Roberval de Jesus Leone dos SANTOS

||| Audiobiografia

A importância da audiobiografia na revelação de tesouros¹

Roberval de Jesus Leone dos Santos²
Universidade de Brasília (UnB)

A linguagem sonora

Examino, neste texto, o formato audiobiografia, constituinte da linguagem sonora, que visa a explorar elementos de memória, reminiscências, tempo e história do sujeito audiobiografado, com base na oralidade, mas não só, e na semântica própria da linguagem sonora. Como objeto de análise e de ilustração, será explorada a audiobiografia de um professor universitário, realizada em 2017, da pré-produção até à preparação para a divulgação sonora nos diferentes meios que transportam essa linguagem até ao ouvinte.

Deve ser estabelecido de pronto que a linguagem sonora se diferencia bastante de outras linguagens, como a visual, a literária, a corporal etc., por ter uma gramática própria. Como tal, a sintaxe e a semântica sonoras, em um dado âmbito estético, determinam signos sonoros que correspondem a um sistema comunicativo completo e diversificado, repleto de sentidos para o ouvinte.

O rádio, por exemplo, é apenas um dentre tantos suportes ou veículos que fazem uso dessa linguagem, e a oralidade, que é baseada principalmente na voz, é somente um dos elementos integrantes da sintaxe. A linguagem sonora somente pode ser compreendida se for lembrado que, conforme explica Menezes (2008), estamos imersos em uma cultura do ouvir, que remonta às raízes ancestrais do homem, e se condiciona pela variação, ora de um, ora do outro, e pela predominância de algum de nossos sentidos em relação a outros. A cultura do ouvir, segundo o autor, assemelha-

¹ A Audiobiografia do Professor João Lanari Bó pode ser acessada no site do LabAudio da FAC/UnB, no endereço: <http://labaudio.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16&Itemid=700>.

² Graduando do curso de Audiovisual Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: robervaleppgg@gmail.com.

se a uma verdadeira odisseia em relação às “raízes dos processos comunicativos” (MENEZES, 2008, p. 111). De fato:

A compreensão do universo da cultura do ouvir nos remete tanto aos tempos das grandes narrativas mitológicas como também à atual valorização das histórias que, antes de dormir, algumas famílias ainda contam às crianças. Nesse contexto, ainda consideramos pouco estudada a passagem da ênfase no ouvir para o processo civilizatório que gerou o domínio da cultura do ver, ou cultura da imagem. (...) O estudo da cultura do ouvir nos desafia a compreendermos alguns elementos dos processos de abstração. Tais processos permitem uma aproximação do homem com as coisas e com os outros homens, ou melhor, permitem a própria constituição do homem como animal simbólico, histórico, capaz tanto de tomar distância como de vincular-se às coisas e aos outros (MENEZES, 2008, p.112-113).

A linguagem sonora, portanto, composta pela junção de elementos, como o silêncio, a música, a voz, o efeito, este um verdadeiro simulacro do que ouvimos no mundo enquanto seres simbólicos, apresenta-se como estrutura a partir da qual são produzidos conteúdos dos mais diversos, tanto para fins meramente utilitários, como o simples recado de voz em um celular, passando pelos trabalhos jornalísticos ou de entretenimento do rádio, do cinema, da televisão etc., até peças disponíveis nas inúmeras mídias sociais veiculadas pela *internet*.

A simples, mas em geral criativa, locução do vendedor de frutas no precário autofalante de seu caminhão exerce fascínio sobre os potenciais consumidores. Essa multiplicidade de materiais produzidos com base em uma linguagem sonora mostra a importância de seu estudo acadêmico e prova que o profissional do áudio ou do som necessita de subsídios técnicos capazes de tornar a cultura do ouvir significativa em relação ao ouvinte que lê o texto sonoro – a semiótica define, como tantos outros, o som produzido como um texto (cf. GOMES e MANCINI, 2017) –, no sentido de potencializar a variedade expressiva e comunicativa do meio que suporta o texto.

Por fim, é importante lembrar o conceito de paisagem sonoro-musical, cunhado por Schafer (1991), que confere a um determinado produto sonoro todos aqueles aspectos que são próprios de outras linguagens, como a visualização, na linguagem visual, ou a sinestesia, na linguagem literária e dramática: “a paisagem sonoro-musical é constituída do ruído, som, timbre, amplitude, melodia, textura que se encontram

num cone de tensões, instalado num horizonte acústico” (SCHAFER, 1991, p. 91). Assim, por exemplo, em uma peça dramática de rádio ou mesmo numa audiobiografia, a paisagem:

é uma composição sonoplástica em que os elementos constituintes da sonoridade são selecionados e associados para compor um ambiente acústico para a palavra falada, do mesmo modo que, na escrita, muitas vezes a descrição confecciona um ambiente para a personagem desenvolver uma ação. (SCHAFER, 1991, p. 25).

Os elementos sonoros, portanto, hão de ser “escolhidos para construir um fundo sonoro em que o texto verbal-oral será locado”. (SCHAFER, 1991, p. 25). Como exemplo de paisagens sonoras e de efeitos naturais capazes de erigi-la, é ilustrativo visitar o projeto Porto Sonoro, desenvolvido pela cidade do Porto, em Portugal³.

O gênero educativo-cultural

Ao lado de outros gêneros comunicativos de que a linguagem sonora dispõe para se manifestar, como o jornalístico, o de entretenimento, o publicitário, o propagandístico, o de serviço e o especial, na classificação de Barbosa Filho (2009), sobressai o gênero educativo-cultural, que é:

uma das colunas de sustentação da programação radiofônica nos países desenvolvidos. No Brasil é quase totalmente encoberto no cenário de possibilidades do rádio nacional. A comercialização e conseqüente banalização dos conteúdos dos programas radiofônicos da atualidade não propiciam a criação de projetos que visem instruir e educar por meio do veículo de massa mais popular e de maior penetração na sociedade brasileira. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 109).

No cenário midiático atual, onde, em boa parte do tempo, predomina o entretenimento voltado para fins não emancipatórios, mas, sim, de conservação da realidade, ou, no caso do jornalismo, o ouvinte torna-se demasiado dependente do ponto de vista de certos grupos, com um grau de autonomia de consciência muito limitado, o gênero educativo-cultural é ainda mais importante, porque pode dotar o sujeito do texto sonoro de elementos críticos e de reflexão. Conforme ressalta Barbosa

³ O projeto Porto Sonoro pode ser acessado em: <<http://www.portosonoro.pt/>>.

Filho (2009), programas baseados nesse gênero, quando adequadamente elaborados, podem auxiliar as pessoas no próprio exercício da cidadania, em um país no qual o déficit de direitos é muito alto⁴.

De acordo com Sena (2014), o gênero educativo-cultural corresponde a alguns formatos presentes na sintaxe da linguagem sonora, a saber: programa instrucional, audiobiografia, documentário educativo-cultural e programa temático.

Um exemplo preciso do gênero educativo-cultural são os *Especiais Rádio MEC*⁵, veiculados pela emissora da rede EBC. Neste ano, em comemoração aos 50 anos do movimento Tropicália, o qual repercutira no cinema, artes plásticas, teatro e música, a emissora está veiculando programas compostos de depoimentos dos participantes, músicas e pesquisadores do assunto, inclusive fazendo referência ao impacto do movimento nos dias atuais.

Fica bem evidente o conteúdo educativo, pela presença de *experts* no assunto para discorrer a respeito, e de uma paisagem musical que faz referência aos acordes e ambientes do movimento, costurando a dimensão cultural. O formato é de documentário educativo-cultural.

No formato programa instrucional, dentro do mesmo gênero, pode-se citar, ainda como exemplo, o *Ginástica!*⁶, veiculado pela Rádio MEC AM do Rio de Janeiro, filiada à EBC. Trata-se de um programa de ginástica, com pessoas qualificadas para prestar informações, que está no ar desde 1985.

Obviamente os gêneros e formatos não são isolados. Há interconexões, mas o mais importante é observar que a classificação busca acentuar o traço predominante em cada um deles, o que permite, inclusive, classificar uma emissora como mais afeita a determinado gênero. Por exemplo, claramente a CBN é habituada ao jornalismo, ao passo que boa parte das emissoras comunitárias e públicas trabalha com gêneros educativo-culturais e de serviço, mais do que o gênero propagandístico, até porque o caráter educativo da mídia, naquelas emissoras, precisa suprir/complementar o que pode não haver nas mídias comerciais.

⁴ Cf. <<http://www.inclusive.org.br/arquivos/24744>>.

⁵ Cf. <<http://radios.ebc.com.br/especiais-radio-mec/2017/10/tropicalia-e-vanguardas-artisticas>>.

⁶ Cf. <<http://radios.ebc.com.br/ginastica>>.

Quando se sabe que, fazendo uma extrapolação dos dados da Pesquisa Brasileira de Mídia⁷, dois em cada três brasileiros ouvem rádio e, dos que ouvem, metade o faz todos os dias, e sendo o rádio extremamente capilar (raramente uma emissora detém mais do que 2% da audiência absoluta), o rádio como veículo do gênero educacional-cultural em um país com o nosso perfil torna-se relevante.

O formato audiobiografia e a propagação de conhecimentos

De acordo com Barbosa Filho (2009, p. 112):

a audiobiografia é o formato radiofônico em que o tema central é a vida de uma personalidade de qualquer área de conhecimento e que visa divulgar seus trabalhos, comportamentais e éticos. A audiobiografia poderia ser equiparada, no que se concerne ao uso de ferramentas características da linguagem radiofônica, aos formatos diversionais ficcionais. Seu caráter educativo, porém, prepondera sobre os elementos de entretenimento que arregimenta.

Portanto, a audiobiografia é um formato que faz uso da linguagem sonora para levar ao ouvinte conhecimentos de uma vida ou de parte dela, cuja caracterização usou materiais como memória, arquivos, declarações e a própria oralidade do audiobiografado, mas, diferentemente do que se possa fazer em outros suportes, normalmente com um acentuado perfil educacional ou cultural.

Garcia, Bazílio e Gomes (2016, p. 2-4) resumem algumas características recomendáveis ao formato, para potencializar o seu objetivo e para tornar o autobiografado claramente situado no contexto histórico em que viveu ou vive, sem o prejuízo de certa fidelidade:

1. Deve ter uma estrutura tal que permita ao ouvinte desejar conhecer mais o autobiografado, aproveitando a estrutura da linguagem sonora para disseminar conteúdo.
2. Deve ter um cunho de preservação de memória.
3. Linguagem clara e atrativa ao ouvinte, para atrair sua atenção.

⁷Cf. <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/@@download/file/Pesquisa%20Brasileira%20de%20M%C3%ADdia%20-%20PBM%202016.pdf>>.

4. Deve constituir-se em produto que permita a disseminação de agentes que elevam a cultura popular e a conduzam a espaços sociais a fim de propagá-la.

Além disso, assim como em outros formatos, é recomendável que uma audiobiografia seja inteligível, isenta de erros técnicos (correção), relevante e atrativa (ALVES, 1994), para que o próprio sentido de audiobiografar seja atingido.

Por outro lado, a audiobiografia talvez seja um dos poucos formatos que pode levar ao conhecimento do mundo a grandeza de uma vida comum ou de uma vida anônima e tornar concreta a manifestação da alteridade. Não se trata, de forma alguma, de transformar, de uma hora para outra, alguém em uma celebridade – os recursos midiáticos podem dar essa impressão –, mas de demonstrar que, por sermos seres gregários, seres sociais, a importância de cada pessoa tem o seu peso na constituição de todas as outras vidas.

É exatamente esse paradoxo existencial que a audiobiografia pode explorar, quando, por exemplo, tira do anonimato algum talento, revela faces inesperadas de pessoas que vemos todos os dias ou mesmo permite reconhecer no outro várias de nossas próprias compleições ou sentimentos. Por todas essas razões, de mais cuidado ainda deve estar imbuído o formato de audiobiografia, para que, do ponto de vista ético, não seja criada outra pessoa em lugar da real, ainda que involuntariamente, e, do ponto de vista factual, exista um grau mínimo de fidelidade à memória e à história do audiobiografado.

O processo de produção de uma audiobiografia

João Batista Lanari Bó, professor da Universidade de Brasília (UnB), foi escolhido como sujeito de uma audiobiografia, no âmbito do Laboratório de Áudio e da disciplina Roteiro, Produção e Realização em Áudio daquela universidade, motivado pelo fato de ser o decano dentre os professores de um dos departamentos da Faculdade de Comunicação da UnB e por ter uma trajetória pouco conhecida dos anais biográficos universitários.

Também, havia alguns aspectos da trajetória acadêmica e intelectual do professor que os alunos de nossa época desconheciam, o que poderia ajudar no seu repositório de conhecimentos sobre vidas para, quem sabe, imitar, diante de um exemplo bem-sucedido. João Lanari formou-se em engenharia civil, na década de

1970, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, foi cineclubista e amante da película em Super-8. Profissionalmente, é ministro de segunda classe do Itamaraty e dirigiu vários filmes. O interesse e autoridade do mestre em cinema japonês o fizeram publicar um livro sobre o assunto. O mesmo pretende fazer em relação ao cinema russo.

Considerando esse estudo de caso, passa-se a descrever o processo, desde a concepção até a produção e distribuição. A primeira etapa, já descrita, foi a da ideia, isto é, as motivações que levaram à escolha do audiobiografado, exatamente para atender a questão da relevância, referida anteriormente. Depois, passou-se à abordagem da pessoa escolhida, a qual sempre deve ser revestida de cuidado e parcimônia. Quando se trata de uma pessoa com certa desenvoltura social, como o João Lanari, torna-se mais simples. Entretanto, pode haver pessoas que não se sentem confortáveis e, até, marquem entrevista para um primeiro contato e não apareçam. Então, é preciso, desde logo, deixar todas as coisas claras e explicar a relevância da escolha.

Mesmo no caso de uma pessoa como João Lanari, a abordagem teve de ser precedida por certa intimidade. Talvez seja necessário, antes, falar com pessoas mais próximas, para, aí sim, você mesmo fazer a abordagem. Note que as etapas aqui listadas se estendem a pessoas que eventualmente sejam convidadas para dar depoimentos sobre o audiobiografado, de modo a suportar informações a respeito dele.

Dito isso, a terceira fase é de explicar ao audiobiografado todos os detalhes da peça, como será veiculada e que ele ou ela deverá assinar um termo de autorização de uso de voz e imagem para fins midiáticos. Todas as coisas combinadas, há mais duas fases: a) a pesquisa biográfica, por meio de acervos, arquivos, indicações curriculares na *internet*, livros e periódicos publicados pela pessoa, depoimentos etc.; b) entrevista com a pessoa.

No que se refere à entrevista, deve-se escolher um tipo que combine com o perfil da pessoa, porque, para um caso de audiobiografia, a entrevista estruturada pode ser muito maçante, já que se deseja um grau de descontração e intimidade tais que permita ao sujeito realmente adentrar em detalhes sobre sua vida ou trajetória.

Além disso, o local da entrevista é essencial. Não se pode fazer isso em um local tumultuado ou inadequado. Deve atender ao perfil da pessoa.

No caso do João Lanari, foi escolhido um restaurante para ser feita uma entrevista com perguntas livres, em que o próprio sujeito vai alimentando as questões com suas próprias respostas. Não confie nos equipamentos. É sempre importante tomar nota dos trechos essenciais do discurso, até mesmo para pontuar, depois, o roteiro.

Com base na pesquisa, depoimentos e entrevistas, deve-se elaborar um roteiro. Para uma ilustração do formato, o roteiro da audiobiografia de João Lanari encontra-se em anexo. Boa parte da bibliografia concernente ao áudio traz modelos de roteiro, mas, neste caso, há uma particularidade, que é a transcrição, ao menos do trecho inicial e final, da fala das pessoas, para que possa guiar a edição.

Até aqui, foram cumpridas as etapas de concepção, produção e roteirização. As fases seguintes, de locução, direção e edição, são produzidas em laboratório e obedecem a certos cânones também constantes de ampla bibliografia, mas dependentes das escolhas estéticas da equipe envolvida. O roteiro já dá o tom dessa escolha, mas durante a direção e a edição pode sofrer modificações, normalmente por questões técnicas e de inteligibilidade.

Uma das maiores dificuldades, no caso de João Lanari, foi a escassez de material escrito de pesquisa e certa timidez ou modéstia do sujeito audiobiografado para falar a respeito de si mesmo. Isso pode limitar muito a peça, mas isso foi contornado por conhecidos procedimentos psicológicos como o convencimento, a persuasão por seus pares etc.

Alternativas estéticas

A peça audiobiográfica, como toda criação, é muito dependente da visão estética da equipe. Mais do que isso, é muito dependente do estilo decorrente do contato que a equipe teve com conteúdos artísticos, sobretudo a música. Assim, seria muito difícil traçar um elenco de alternativas estéticas para uma peça dessa natureza, como se poderia fazer para uma peça de ficção, por exemplo.

O primeiro dilema que aparece é se a peça deve seguir ou não uma cronologia. Neste aspecto, a equipe deve cuidar dos dois modos. No caso de haver mais

linearidade, é necessário evitar a monotonia e o ritmo enfadonho, que podem ser quebrados pelo uso dos elementos da linguagem sonora. Por outro lado, o ritmo não linear, sem se seguir uma cronologia, não pode tornar a peça confusa.

Em qualquer caso, pelo princípio da relevância, devem ser escolhidas passagens do audiobiografado que realmente sejam interessantes e importantes para os objetivos da peça. Por exemplo: fazia sentido buscar a infância ou a juventude, no caso do decano João Lanari? Possivelmente, no contexto universitário, não. Contudo, se o audiobiografado é um tocador de instrumento de rua, talvez seja importante a fase infantil, para saber como adquirira tanto virtuosismo com o instrumento. Eu preferi seguir uma linha cronológica, mas ampliando ou diminuindo certas passagens da vida do audiobiografado de modo a trazer à tona os aspectos pouco sabidos e aquele tom que pudesse servir de exemplo de vida para os ouvintes.

Para facilitar a fluidez da audição, escolhi uma trilha sonora em que cada música correspondesse ao subtexto do roteiro (não necessariamente ao texto), trazendo uma música mais encorpada numa passagem mais glamourosa da vida ou uma música mais leve e bem-humorada, no caso de passagens curiosas. O silêncio sempre ajuda nas pausas, a fim de que o ouvinte possa memorizar o que já foi dito e dê tempo de assimilar o que virá.

Achei fundamental deixar certo volume do barulho de fundo de restaurante, inclusive de pessoas conversando, para que se criasse a paisagem sonora correspondente ao lugar. A locução deve obedecer rigorosamente aos cânones de uso da voz, como impostação, altura, ritmo etc., para que o discurso do roteiro seja veiculado de forma adequada, inteligível e precisa, mas sem afetações ou rebuscamentos.

Por fim, o uso de passagens de humor pode ser útil, para descontrair a peça, especialmente ao final, e permitir certo distanciamento do ouvinte-leitor para que reflita sobre a peça. Resta clara a importância do formato audiobiografia como uma das possibilidades do gênero educativo-cultural. O caso explorado serve de ilustração e mostra que a aplicação pode servir para trazer à luz aspectos interessantes da vida de pessoas conhecidas ou não de determinada comunidade ou grupo.

Referências

ALVES, Walter. A cozinha eletrônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. v. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2009.

GARCIA, Francisca L. S., BAZÍLIO, Emanuele de F., GOMES, Adriano L. O homem que encantava pelas palavras: Uma audiobiografia de Manoel do Coco. **XXIII Prêmio Expocom 2016 (Anais)**. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/expocom/EX52-0423-1.pdf>>. Acessado em: 17 out. 2017.

GOMES, Regina, Mancini, Renata. **Textos midiáticos: uma introdução à semiótica discursiva**. Disponível: < <http://filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/66.pdf> >. Acessado em: 2 out. 2017.

MENEZES, José Eugenio de O. Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. **Líbero**. São Paulo, Faculdade Casper Líbero, ano XI, 21, jun. de 2008. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Cultura-do-ouvir.pdf>>. Acessado em: 17 out. 2018.

SCHAFFER, Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: UNESP, 1991.

SENA, Geane Cássia Alves. Os gêneros textuais veiculados no rádio: linguagem, construção e classificação. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 19, n. 198, nov. de 2014.

Anexo – Roteiro

Ficha Técnica	
Apresentação/Locução: Roberval Leone	Produção: Roberval Leone
Pesquisa: Roberval Leone	Edição: Roberval Leone
Roteiro: Roberval Leone	Direção/Orientação: Elton Bruno Pinheiro

Sinopse do Programa
Narração da trajetória intelectual, acadêmica e profissional do cineasta e professor da Universidade de Brasília, UnB, João Batista Lanari Bó, com inserções de depoimentos do próprio audiobiografado, do ex-aluno e monitor Diego Sales de Castro e do professor e cineasta da UnB Mauro Giuntini Viana.

Programa: **Vidas Sonoras – Especial “João Lanari”**

TÉC **VINHETA DE ABERTURA - 1X - CORTA**
MÚSICA: FLOR PANTANEIRA - HELENA MEIRELLES - 10” – CORTA

LOC 1 O carioca João Lanari Bó,/ engenheiro civil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,/ ministro de segunda classe do Itamaraty,/ cineasta/ e professor da Universidade de Brasília há trinta e cinco anos,/ é o tema de hoje.//

TÉC **MÚSICA: UN HOMME ET UNE FEMME - CLAUDE LELOUCH - 10” - CORTA**

LOC 1 Ainda estudante da PUC,/ João Lanari era cineclubista,/ tendo revigorado,/ com o pessoal da matemática,/ o cineclube universitário.// Era a geração de filmes Super oito.// Em meio às idas e vindas/ da cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro,/ à organização de festivais/ e discussões no cineclube inspiradas em nomes como Carlos Diegues/ e Arnaldo Jabor/ e às demandas do Partido Comunista Brasileiro,/ o jovem cineasta já editava uma revista,/ a Cine Olho,/ posteriormente assumida por Arlindo Machado.//

TÉC **MÚSICA - PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES - GERALDO VANDRÉ - 12” – BG**

LOC 1 Em plena ditadura militar,/ trabalhando para o jornal Luta democrática,/ dirigia o terceiro filme em Super oito,/ Comia vidro para fazer bola de gude,/ inspirado por cineastas como Orson Welles/ e Rogério Sganzerla./ O neófito/ foi vencedor do Festival de Cinema da PUC de mil novecentos e setenta e sete .//

TÉC **MÚSICA - PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES - GERALDO VANDRÉ - CORTA**
ENTREVISTA: ARQUIVO “João Lanari.mp3” - 4”
D.I.: 4’21” : “A maneira de você se relacionar [...]
D.F.: [...] pelo cinema”.
MÚSICA: UN HOMME ET UNE FEMME - CLAUDE LELOUCH - 10” – CORTA

LOC 1 Limiar dos anos oitenta.//
O encontro com a película de trinta e cinco milímetros coincide com fatos

decisivos.//
 O pai falece.//
 Os estudos de engenharia estão no fim.//
 Roda O céu é o limite,/ de tom esquerdista,/ a partir de metáforas
 dicotômicas entre povo amordaçado/ e censura; operários em
 construção/ e alienação do produto do trabalho.//
 Arranha-céus metropolitanos crispam o espaço fílmico.//
 Da exegese mais íntima da belíssima película,/ emerge o Brasil de Glauber
 Rocha jamais redimido.//

TÉC **MÚSICA: CONSTRUÇÃO - CHICO BUARQUE - 15” – CORTA**

LOC 1 Nesse ponto da vida,/ que fazer?, perguntaria Lênin ao futuro perito em
 cinema russo.//
 A resposta veio como um desabrochar para o mundo,/ do qual, graças a
 uma vigorosa carreira nos domínios do barão do Rio Branco,/ por
 concurso público,/ iria colher não só a sensibilidade intelectual para
 compreender e opinar com autoridade sobre cinema de qualquer
 natureza,/ como também a erudição necessária para fazer cinema,/ não
 sem antes,/ por cerca de dois anos,/ exercer o ofício de sexy thriller
 writer.//

TÉC **MÚSICA: CONGA, CONGA, CONGA - GRETCHEN - 15” – BG**

LOC 1 Foram cerca de quarenta títulos de livros de bolso/ vendidos em
 bancas.//
 Era um tempo em que os apetites púberes se obtinham a partir da
 leitura,/ e não,/ da imagem vulgar.//
 Mais do que ver,/ era preciso imaginar.//

TÉC **ENTREVISTA: ARQUIVO “João Lanari.mp3” - 7”**
D.I.: 11’13”: “Aí escrevi[...]
D.F.: [...]mas é um negócio que paga muito pouco, né?.”.
MÚSICA: UN HOMME ET UNE FEMME - CLAUDE LELOUCH - 10” – CORTA

LOC 1 O diplomata João Lanari muda-se, então, para Brasília.//
 Inscreve-se no Festival de Cinema Brasiliense.//
 A despeito da severa autocrítica,/ leva o prêmio de melhor diretor por O
 céu é o limite.//
 Esse e outros fatos implicam um convite para lecionar cinema na
 Universidade de Brasília.//

TÉC **MÚSICA: QUE PAÍS É ESSE? - ABORTO ELÉTRICO - 10” – CORTA**

LOC 1 A década de mil novecentos e oitenta foi consumida por uma ampla trajetória,/ na qual escreveu críticas no Jornal de Brasília/ e no Correio Braziliense/ e licenciou-se da UnB para servir em Nova York,/ Telavive/ e Pequim,/ quando entra em contato com uma memória/ e cultura cinematográficas/ sem paralelo com as do Brasil.//
Pela mente do decano/ passam inúmeras imagens das enriquecedoras imersões nas cinematecas daquelas cidades.//
Ainda por esse tempo,/ dirige Mínima cidade,/ filme que converte a objetiva em um flaneur/ pelas ruas e calçadas de uma capital imberbe.//

TÉC **ENTREVISTA: ARQUIVO “João Lanari.mp3” - 8”**

D.I.: 33’40”: “E aí [...]

D.F.: [...] CONIC.”.

LOC 1 João Lanari/ enxerga no CONIC,/ alcunha do Setor de Diversões Sul,/ o espaço dramático para a realização de três filmes emblemáticos:/ Denis’ movie,/ Deus e o diabo no CONIC/ e Obscena.//
Ao trabalhar nos subtextos/ e no jogo de planos contra ângulos,/ a conhecida oscilação do local entre superfície e underground/ gera no expectador uma correspondência com o submundo da alma/ e as aparências dos indivíduos.//
Aliás,/ Obscena perpetra,/ quiçá pela primeira vez em Brasília,/ o mais ardente beijo gay fílmico,/ paradoxalmente ensejado por uma mulher.//
Impossível não vir à mente Pedro Almodóvar.//

TÉC **MÚSICA: BESAME MUCHO - CESÁRIA ÉVORA - 13” - CORTA**

MÚSICA: UN HOMME ET UNE FEMME - CLAUDE LELOUCH - 10” - CORTA

LOC 1 A maturidade intelectual/ e a vivência na cidade,/ tendo como refrigério as aulas na UnB,/ habilitam o mestre a organizar o primeiro encontro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual,/ SOCINE.//
Aí teve oportunidade de lançar,/ em conjunto com outros,/ o encarte/ Por uma produção independente,/ no âmbito da SOCINE.//
Ao lado disso,/ envolve-se com a vinda de Syd Field ao Brasil/ pela Motion Picture of America,/ quando, então,/ faz um hilário documentário sobre o papa dos roteiristas de Hollywood,/ desde a chegada, no aeroporto de Brasília,/ até a diplomação dos concluintes do curso realizado por Field.//

TÉC **MÚSICA: LA VIE EM ROSE - BIBI FERREIRA - 15” – CORTA**

LOC 1 Paris./
Afastando-se mais uma vez do Brasil,/ João Lanari passa a oficiar na França,/ numa vida entre livrarias,/ cinemas,/ museus/ e, é claro,/ portando a carteirinha,/ no número cinquenta e um/ da Rue de Bercy,/ como num sonho bazariano.//
O professor da UnB/ Mauro Giuntini Viana,/ num bate-papo com a emissora, faz um tributo a João Lanari.//

TÉC **ENTREVISTA: ARQUIVO “Mauro Giuntini Viana.mp3”**
D.I.: 2’36”: “Eu passei, né [...]
D.F.: [...] acho que sim.”
MÚSICA: RASHOMON - FUMIO HAYASAKA - 15” – CORTA

LOC 1 Depois de Paris/ seguiu-se Tóquio,/ cuja cultura haveria de assimilar com requinte/ e dedicação por meio de filmes.//
Como explica João Lanari,/ “quem gosta de cinema, gosta de cinema japonês”.//
Ele explica que possivelmente/ o Japão tem o maior número per capita/ de bons cineastas.//
Lá,/ o mestre obteve farto material de pesquisa,/ especialmente a partir da cinemateca,/ para escrever o livro Cinema japonês,/ da editora Giostri,/ lançado no quinquagésimo Festival de Brasília do Cinema Brasileiro/ e à venda online nas principais livrarias.//
João Lanari/ lembra com enlevo as lectures de Guy Ritchie/ em um cineclub de Tóquio,/ somente a algumas quadras de casa.//
É compreensível, portanto,/ o que relata o desenhista de som/ e ex-monitor/ Diego Sales de Castro.//

TÉC **ENTREVISTA: ARQUIVO “Diego Sales Castro.mp3”**
D.I.: 1’12”: “O Lanari tem [...]
D.F.: [...] sobre cinema japonês.”
MÚSICA: UN HOMME ET UNE FEMME - CLAUDE LELOUCH - 10” - CORTA

LOC 1 A volta do Japão se dá em dois mil e nove,/ o livro é escrito em dois mil e catorze/ e, no momento, /João Lanari dedica-se ao cinema russo/ com o objetivo de publicar um livro.//
Volta-se, também, para a produção cinematográfica/ do denominado cinema de invenção,/ ao lado de profissionais como Luiz Rosemberg Filho,/ em São Paulo,/ e Cavi Borges,/ no Rio de Janeiro.//
Aliás,/ a respeito do atual mercado de trabalho,/ explica o professor:/

TÉC	<u>ENTREVISTA: ARQUIVO “João Lanari.mp3” - 38”</u> <u>D.I.: 40’15”:</u> “Uma coisa que [...] <u>D.F.: [...] a linguagem ampliou muito.”.</u>
TÉC	<u>ENTREVISTA: ARQUIVO “João Lanari.mp3” - 16”</u> <u>D.I.: 41’36”:</u> “Eu não sei se o mercado [...] <u>D.F.: [...] imagens serão produzidas.”</u>
TÉC	<u>MÚSICA: UN HOMME ET UNE FEMME - CLAUDE LELOUCH - 10” – CORTA</u>
TÉC	<u>ENTREVISTA: ARQUIVO “João Lanari.mp3” - 24”</u> <u>D.I.: 39’39”:</u> “Quer [...] <u>D.F.: [...] infantil.”.</u>
TÉC	<u>ENTREVISTA: ARQUIVO “João Lanari.mp3” - 4”</u> <u>D.I.: 33’40”:</u> “Vai [...] <u>D.F.: [...] pra lá.”</u>

LOC 1 Pesquisa,/ roteiro,/ produção/ e edição:/ Roberval Leone.//
 Orientação:/ Professor Elton Bruno Pinheiro.//
 Agradecimentos aos professores:/ João Batista Lanari Bó/ e Mauro Giuntini Viana/ e ao desenhista de som/ Diego Sales de Castro.//
 Apoio,/ Laboratório de Áudio da FAC/UnB.//
 Músicas e intérpretes.//
 Flor pantaneira,/ Helena Meireles.//
 Un homme et une femme,/ Nicole Croisille.//
 Para não dizer que não falei das flores,/ Geraldo Vandré.//
 Construção,/ Chico Buarque.//
 Conga,/ conga,/ conga,/ Gretchen.//
 Que país é esse,/ Aborto Elétrico.//
 Besame mucho,/ Cesária Évora.//
 La vie en rose,/ Bibi Ferreira.//
 Rashomon,/ Fumio Hayasaka.///

Todo(a) estudante de Comunicação espera ansiosamente o início das atividades laboratoriais durante a graduação. Afinal de contas, é neste momento, que se trabalha tanto os conhecimentos adquiridos nas disciplinas anteriores (fundamentos históricos, conceituais, éticos, teóricos etc.) quanto os do próprio exercício laboratorial, que busca relacionar efetivamente o par dialético teoria/prática, algo que parece tão caro aos cursos da área.

Esse foi o desafio empreendido aos(às) alunos(as) pelo professor Elton Bruno Pinheiro, do Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora da Faculdade de Comunicação (FAC), da Universidade de Brasília (UnB). Nos dois semestres de 2017, o docente ministrou as disciplinas: Introdução à Linguagem Sonora; Roteiro, Produção e Realização em Áudio; e Jornalismo em Rádio 1.

O resultado desta pertinente e original proposta pedagógica pode ser visto nas páginas que se seguem: um registro de alguns dos produtos (comunicacionais) sonoros que elaboraram, aliados ao pensamento crítico e teórico sobre suas atividades profissionais. Um processo que, como afirma o educador brasileiro Paulo Freire (1996), em sua importante obra *Pedagogia da Autonomia*, “[...] pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”.

Cristiano Anuniação
Professor de Comunicação
do Centro Universitário Estácio de Brasília